



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO**

DIOGO DE MENDONÇA PONTES

ANTÔNIA: MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA E ARTESÃ

**CAMPINA GRANDE
2018**

DIOGO DE MENDONÇA PONTES

ANTÔNIA: MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA E ARTESÃ

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Ms. Raul Augusto Ramalho de Mello

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P813a Pontes, Diogo de Mendonca.
Antônia [manuscrito] : memórias de uma professora e artesã / Diogo de Mendonca Pontes. - 2018.
37 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2018.

"Orientação : Prof. Me. Raul Augusto Ramalho de Mello, Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA."

1. Cultura local. 2. Documentário. 3. Filme. 4. Produto midiático. 5. Antônia Ribeiro de Mendonça.

21. ed. CDD 791.437

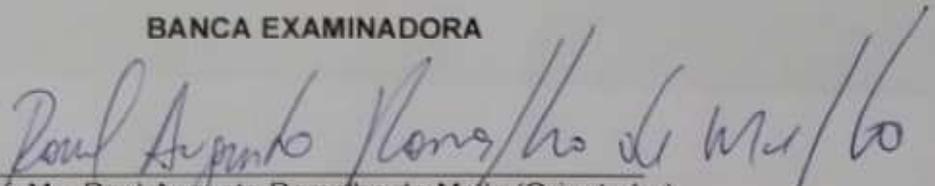
DIOGO DE MENDONÇA PONTES

ANTÔNIA: MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA E ARTESÃ

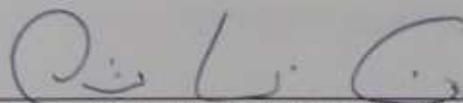
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Aprovada em: 12/06/2018.

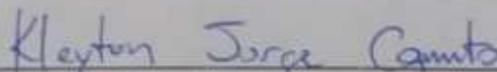
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Raul Augusto Ramalho de Mello (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Cássia Lobão Assis
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Kleyton Jorge Canuto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Esse trabalho não poderia ser realizado sem a participação da matriarca de nossa família, Dona Antônia, fica aqui o registro de minha admiração por sua história de luta.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família e a Deus que me deram o suporte necessário em todos esses anos de curso.

Aos professores e professoras que ao longo desses anos transmitiram o conhecimento necessário para a formação, em especial à professora Ada Guedes que me apresentou ao jornalismo humanizado através do nosso Projeto de Extensão Memórias Revistas.

Aos colegas de classe, em especial Erika, Isabelle e Matheus que foram comigo algumas sextas-feiras fazer o Projeto dar certo.

Por fim, mas não por último, obrigado Ericlebson por embarcar não apenas nesse projeto comigo, mas no projeto de uma vida.

Ao lado da literatura, do pensamento intelectual letrado, correm as águas paralelas, solitárias e poderosas da memória e da imaginação popular.

Câmara Cascudo

RESUMO

Relatório técnico da produção do documentário produzido com base na entrevista de Antônia Ribeiro de Mendonça, professora e artesã. Aos 20 anos saiu da casa de sua família para trabalhar em uma comunidade rural, com pouco tempo transformou a realidade das mulheres do lugar através do artesanato. Hoje a comunidade é referência na produção da renda Labirinto. O filme foi produzido partindo da ideia de resgate da cultura local através da valorização da história oral e como forma de preservação da memória da localidade. Para sua execução pensamos em experimentar as novas possibilidades que as tecnologias mais recentes oferecem, fazendo o filme com um smartphone. As filmagens passaram por edição e roteirização, dando como resultado o relatório escrito e o produto audiovisual.

Palavras-Chave: Cultura, Documentário, Humanização, Oralidade.

ABSTRACT

Technical report on the production of the documentary produced based on the interview of Antônia Ribeiro de Mendonça, teacher and craftsman. At the age of 20 she left her family's home to work in a rural community, with little time transformed the reality of the women of the place through crafts. Today the community is a reference in the production of labyrinth income. The film was produced starting from the idea of rescue of the local culture through the valorization of oral history and as a way of preserving the memory of the locality. For its implementation we think of trying the new possibilities that the latest technologies offer, making the movie with a smartphone. The filming went through editing and scripting, resulting in the written report and the audio-visual product.

Keywords: Culture, Documentary, Humanization, Orality.

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1	Cronograma de atividades	24
Tabela 2	Orçamento.....	31
Quadro 1	Roteiro Experimental	26
Quadro 2	Sinopse e Argumento	28
Quadro 3	Tratamento	29

SUMÁRIO

SENTE-SE O FILME VAI COMEÇAR	10
RISCANDO O TECIDO	12
Objetivos	14
Desafiando os fios	15
A escolha pelo produto midiático	16
O desejo de contar histórias	16
Um celular na mão e uma ideia na cabeça	18
PROCESSO DE ENXERTO	20
O que faz um documentário ser um documentário?	21
TORCENDO OS PONTOS	24
Pré-produção	25
Produção	30
Pós-produção	32
VISLUMBRANDO O LABIRINTO	35
REFERÊNCIAS	37

SENTE-SE, O FILME VAI COMEÇAR

Acreditamos que algumas explicações se fazem necessárias para melhor entendimento de nosso trabalho.

Esse trabalho não é apenas para a conclusão do Curso de Jornalismo, mas um projeto pessoal que foi sendo desenvolvido desde a participação do projeto de extensão no ano de 2016: Memórias Revistas, sob a orientação da Professora Ada Guedes, e acompanhado de três amigos de curso. Fomos até a Escola Estadual da Liberdade para ensinar aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental algumas técnicas de entrevista para a produção de uma matéria jornalística.

Esta produção, que deveria ser um vídeo, traria a história de alguma pessoa que os próprios alunos acreditassem que valia a pena ser contada. Surgiram as personagens das mais diversas e no fim as duas turmas produziram seus vídeos, desde a elaboração da pauta, passando pela produção e execução, tudo foi feito inteiramente por eles.

Ao ver os alunos produzindo as entrevistas percebemos que alguns ensinamentos que recebemos na graduação de História, que concluímos em 2008, seria de grande auxílio para o desenvolvimento de nossa graduação em Jornalismo.

Passamos a pensar em uma maneira de juntar as duas formações e a resposta foi: produzir um documentário que contasse a história de alguém, ou deixar alguém contar sua história diante de nossa câmera. Assim surgiu o projeto de conclusão de curso: Antônia. E este relatório servirá como guia para entender as escolhas que tomamos para a produção desse projeto.

Antônia é o nome de nossa personagem, para conhecê-la basta continuar lendo o presente trabalho e recomendamos que veja também o vídeo que o acompanha. Mas vamos adiantar uma informação fundamental para entender a construção do texto. Antônia é artesã e produz uma renda chamada Labirinto.

Para produzir o Labirinto é preciso quatro passos: riscar o tecido, desfilar os fios, fazer o enxerto e torcer os pontos. Em nosso texto também dividimos conforme a produção do labirinto.

A nossa primeira parte compreende o riscar o tecido e desfilar os fios. Nessa parte vamos delimitar os nossos objetivos, apresentar nossa personagem, explicar a importância de sua história e informar que tipo de trabalho pretendemos fazer. É a narrativa do processo de construção do projeto.

Na segunda parte vamos fazer os enxertos, no Labirinto é quando a artesã começa a construir seu desenho através do preenchimento dos espaços vazios que o desfiar dos fios deixou. Em nosso texto vamos abordar os conceitos teóricos escolhidos para a produção do filme.

A terceira parte é o acabamento, quando são feitas as amarrações dos fios para que não desfie. Aqui vamos descrever o processo técnico, a pré-produção com a construção do roteiro, sinopse, argumento e tratamento; a produção com os dias de gravação e encerrando com o processo de pós-produção, a edição e finalização do vídeo.

Feitas essas explicações, acreditamos que é hora de desligarmos as luzes e desejar uma boa sessão de cinema.

RISCANDO O TECIDO

*Olê muié rendera
Olê muié rendá
Tu me ensina a fazê renda
Que eu te ensino a namorá
(Zé do Norte)*

Manter viva as tradições está cada vez mais difícil, os avanços a modernidade tem chegado cada vez mais longe e cada vez mais rápido. Parece não haver limites para o alcance deste mundo de certezas líquidas. É um conflito entre o que permanece (sólido) e o que está em constante transformação (fluído), para entender melhor usaremos o conceito apresentado por Bauman:

O que todas essas características dos fluídos mostram, em linguagem simples, é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluídos, por assim dizer, não fixam o espaço, nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (...), os fluídos não se achem muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; (2001, p. 08)

Essa fluidez da sociedade atual faz parecer que as coisas precisam estar na velocidade da internet. Tudo é para ontem, as significações são hoje e não são amanhã, os fluídos se moldam, não se preocupam com fixar.

Essa postura ameaça as tradições, as manifestações que são passadas de geração em geração começam a ser questionadas, algumas coisas perdem o valor, outras vão sendo simplesmente esquecidas. Diante disso, qualquer tentativa de resgatar a História de um povoado, de uma tradição, de uma geração ou até mesmo de uma família é uma peça importante para manter viva a cultura deste povo.

Por isso concordamos com Montenegro ao afirmar que

(...) o trabalho da história oral junto aos segmentos populares resgata um nível de historicidade que comumente era conhecida através da versão produzida pelos meios oficiais. À medida que os depoimentos populares são gravados, transcritos e publicados, torna-se possível conhecer a própria visão que os segmentos populares têm de suas vidas e do mundo ao redor. (2003, p. 16)

E para nós que temos o título de historiador, acreditamos que a preservação da memória através do registro dos acontecimentos possui uma fundamental importância para manter viva uma tradição, e com a divulgação dos resultados contribuimos para difundir e preservar a identidade de um povo. Com isso

mantemos a mesma ideia de Ramos (2005) quando afirma que o documentário “Nanook” do diretor Flaherty¹ esteve focado na valorização dos padrões e na preservação das tradições, além de ter a missão documental de reproduzir essas tradições.

Por esse motivo viajamos até o distrito de Chã dos Pereira, na cidade do Ingá, Agreste da Paraíba, para contar a história de Antônia Ribeiro de Mendonça, ou Dona Tonha para os íntimos e para nós, Vovó Tonha. O resultado dessa viagem é um produto midiático em formato de documentário, mas preferimos pensá-lo como uma biografia filmada. Esse documentário a priori servirá como projeto de conclusão do Curso de Jornalismo.

Dona Antônia tem 86 anos, chegou no povoado de Chã do Pereiras aos 20 e assumiu a função de primeira professora da localidade. Lá, além de aulas deu nova oportunidade de vida para boa parte dos locais e principalmente para as mulheres. Através da valorização do trabalho artesão na confecção do Labirinto, ela e outras 12 mulheres fundaram a Associação de Labirinteiras da Chã dos Pereiras.

Mas afinal, o que é Labirinto?

A pesquisa para definir a renda labirinto é difícil, não encontramos definições técnicas, conseguimos encontrar o registro² que esse tipo de renda é uma adaptação de rendas europeias que foram introduzidas no Brasil durante a colonização, no Brasil ela conseguiu ganhar novas características chegando ao que é hoje, sendo reconhecida como uma produção brasileira.

A produção do Labirinto é feita em tecidos nobres, quase sempre o linho e diante da dificuldade de conceituar esse tipo de renda, usaremos a explicação que nossa personagem nos deu:

Para produzir primeiro é riscado o tecido, criando uma espécie de base para o desenho, depois é desfiado, em seguida o trabalho é de enxerto, onde vai sendo preenchido os buracos criados entre os fios, onde os desenhos vão ganhar forma. Feito isso é hora de torcer, que é amarrar todos os fios, sem seguida é feito o contorno, para evitar que desfie depois de pronto. Feito isso é só lavar e engomar e está feito o trabalho.

1 Roberth Flarerty filmou *Nanook, o esquimó* em 1922, sendo considerado por muitos como o primeiro documentário.

2 Conseguimos encontrar uma referência que corrobora com o discurso das próprias artesãs no link https://pt.wikipedia.org/wiki/Bordado_labirinto

Com a criação da Associação, o Labirinto se torna peça chave para a subsistência de grande parte das mulheres locais e já chamou atenção de diversos veículos de comunicação, com a produção de diversas reportagens³, por isso nosso foco saí do produto artesanal e parte para a pessoa responsável pelo fortalecimento da tradição. O foco é a história de Dona Tonha.

Com a veiculação de diversas matérias e reportagens especiais sobre o assunto e algumas delas tendo nossa personagem como narradora central fizemos uma escolha que para alguns possa parecer arriscada. Nossa decisão foi de trazer apenas ela e sua fala, sem outros recursos, sem contracenar com outras falas. Nossa intenção é valorizar a sua memória, o seu olhar sobre si e sobre o local onde vive.

O produto final será um documentário que servirá como registro da luta, da coragem e acima de tudo dos valores de bem comum que regem até hoje a vida de professora e artesã Antônia Ribeiro de Mendonça.

Objetivos

Objetivo Geral:

Produzir um documentário com base em entrevista coletada com Dona Antônia. O documentário seguirá a linha de biografia, com relato em primeira pessoa.

Objetivos Específicos:

Desenvolver a capacidade técnica de elaborar um roteiro para produção audiovisual;

Reforçar a importância da História Oral para a preservação da Cultural local;

Relatar a história de vida de Dona Antônia;

Mostrar as possibilidades de criação a partir das tecnologias acessíveis a grande parte da população, como por exemplo: *smartphones*.

DESFIANDO OS FIOS

³ <https://www.youtube.com/watch?v=8qIUyxzGSMs> Link do programa Sábados Azuis da TV Brasil, que trata exclusivamente sobre o labirinto . Escolhemos essa matéria como ilustrativa para ajudar no entendimento da importância do artesanato para o local.

Acompanhamos de perto e com ativa participação a luta para a construção de uma nova sociedade, nos últimos 16 anos o Brasil avançou na melhoria de vida das mulheres, dos negros, da Comunidade LGBT e dos mais humildes através de programas sociais, de consolidação dos direitos civis e trabalhistas, trazendo com isso uma nova experiência de vida para essa parte da população.

Enquanto isso, a ala mais conservadora da sociedade e da política acompanhou de forma tímida esses avanços sociais. Mas atualmente observamos de maneira assustada o retorno de discursos de ódio contra esses grupos sociais e ao grande número de pessoas que passam a concordar com esse discurso que busca culpar a vítima por tentar buscar direitos e melhores condições de vida.

Então, é com esse cenário que resolvemos dar vez e voz para uma representação dessa minoria, que em sua luta diária ao longo desses 86 anos não percebeu que estava lutando no mesmo lado que diversas mulheres brasileiras. Dona Tonha nasceu pobre, parda e ainda mulher. Ousou aos 20 anos sair de sua casa para trabalhar, foi cumprir uma missão que não sabia ser tão honrosa. As mãos não escondem as marcas dos anos já vividos, os cabelos ralos de cachos leves não tiram dela a vaidade de se arrumar antes de falar conosco.

Dona Antônia hoje é a artesã mais antiga em atividade no Programa de Artesanato da Paraíba, tendo viajado boa parte do Brasil em feiras, teve peças produzidas por ela exportadas para Europa, tem clientes em quase todas as regiões do Brasil e ainda recebeu uma homenagem na Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba no ano de 2015⁴. Como líder comunitária e fundadora da Associação das Labirinteiras da Chã dos Pereira recebeu em 2016 o Prêmio Ceci Melo de Participação Social, uma homenagem do Governo do Estado da Paraíba através do Orçamento Democrático.

Trazer à tona a história de Antônia Ribeiro de Mendonça é mostrar também que diversas Antônias ainda vivem por aí, escondidas, caladas, mas trabalhando, buscando uma vida melhor para si e para os outros. E que essas pessoas podem sim, ter histórias inspiradoras, possuírem um conhecimento profundo sobre o mundo em que vivem, sobre a ideia de coletividade, sobre fazer o bem.

4 Link para acesso da matéria <http://paraiba.pb.gov.br/programa-de-artesanato-paraibano-e-tema-de-sessao-especial-na-assembleia-legislativa/>

É um justo resgate de uma liderança que faz a diferença através de ações, uma vez que já esteve em audiências com lideranças políticas, e em todas essas oportunidades sempre visou o fortalecimento de sua comunidade.

A escolha pelo produto midiático

Para o trabalho de conclusão de curso da Graduação em Jornalismo, a mesma história se repetiu quando estávamos pensando no Trabalho de Conclusão do Curso de História: muitas dúvidas, pouco tempo e, por fim, uma escolha de um tema que sempre esteve ao nosso lado. O desafio de criar um produto midiático trouxe à tona uma série de questionamentos sobre a nossa capacidade técnica, nossa capacidade teórica e principalmente qual seria a relevância desse trabalho na conclusão desse projeto.

Sendo assim, a partir do formato produto audiovisual, definimos o que iríamos fazer, mas precisaríamos delimitar muitos outros elementos. Logo após a confirmação da escolha do produto, conseguimos já definir uma segunda característica: nesse produto o foco seria a contação de histórias, queríamos assim juntar as duas formações acadêmicas que tanto se complementam: o lado historiador buscando o resgate do passado e o lado jornalista de olho no presente.

A produção audiovisual se mostrou para nós um desafio quando percebemos que nosso conhecimento técnico, nosso acesso às ferramentas e o processo criativo é algo que ainda fica longe da realidade da Universidade. Criar, filmar, editar e divulgar não é uma realidade costumeira para parte dos estudantes do Curso de Jornalismo da UEPB, e fazemos parte desse grupo. Porém já tínhamos dados passos largos e não daria para voltar. Agora era hora de irmos mais a diante, era hora de definir o que fazer.

O desejo de contar histórias

O Curso de História trouxe para nós uma boa bagagem para pensarmos o que fazer nesse produto, primeiro por já trabalharmos com a modalidade de História Oral e por acreditarmos que todas as pessoas possuem algo que valha a pena ser contado, basta apenas ter um bom ouvido.

O jornalista pode ser pensado como um historiador do presente? Seria ele o responsável por manter arquivado as futuras fontes de pesquisa para que os historiadores do futuro possam se debruçar sobre o passado, montando assim o panorama como é feito nos dias de hoje através de pesquisas, escavações e descobertas?

Para produzir esse documentário foi preciso conversar, pesquisar e apurar. Tínhamos a ideia de construir um relato humano, trazendo a personagem para o centro da narrativa, dando espaço para a memória. Temos então uma ligação com o modo de pesquisa histórica, segundo Certeau (2008, p 46):

A outra tendência privilegiada do historiador com um vivido, quer dizer, a possibilidade de fazer reviver ou de “ressuscitar” um passado. Ela quer restaurar um esquecimento e encontrar os homens através dos traços que eles deixaram. Implica, também, um gênero literário próprio: o relato...

O destaque dado ao papel da personagem nesta nossa proposta traz a memória para um lugar de destaque na produção, já que o olhar multiangular se faz a partir da própria história de vida contada para a câmera. A memória passa a ser uma fonte importante, pois na oralidade temos a história de vida como fonte, é a individualidade da narração, contendo força, tensão, choro e sentimentos.

A possibilidade de contar histórias, e o principal, de ouvir diversas histórias e a partir delas construir uma narrativa é a chance de sentir a real energia, mergulhar na visão da personagem sobre determinado acontecimento.

O homem tende a contar seus feitos desde que se organizou socialmente. É de extrema sedução ouvir uma história bem contada, um fato bem narrado, seja através de relatos orais, registros históricos ou outros tipos de narrativas, não importa se são grandes fatos ou pequenos acontecimentos. A transmissão oral é de fundamental importância para a preservação da memória coletiva de povos e para trazer novas percepções sobre fatos.

O uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não tem como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos (...). São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas; essa característica permitiu inclusive que uma vertente da história oral se tenha constituído ligado à história dos excluídos. (Ferreira e Amado, 2002, p. 14)

A contribuição da História Oral pode ser entendida como a possibilidade de confrontar ou de complementar a História dita como “Oficial”, aquela que foi escrita pelas classes dominantes. Podemos pensar que essa contribuição traz para a História as cores esquecidas, as vozes silenciadas e as pessoas anônimas.

Um celular na mão e uma ideia na cabeça

Já tínhamos definido o que fazer, agora precisaríamos pensar como fazer. Como já afirmamos, tínhamos pleno conhecimento das limitações técnicas, mas também somos entusiastas de novas tecnologias e de suas diversas possibilidades. Por esse motivo não tivemos nenhuma dúvida sobre a possibilidade de usar ferramentas alternativas para produção desse trabalho.

Os avanços atuais trouxeram para dentro dos smartphones câmeras de qualidade comprovada e que com isso possibilitou um verdadeiro “boom” de vídeos, fotos e registros diversos. Registros que, aliado ao acesso móvel à internet e juntamente ao grande alcance das redes sociais, criou um verdadeiro universo de exposições.

Baumam, em uma entrevista para o programa Fronteiras do Pensamento⁵ afirma que toda essa exposição da privacidade é uma das características da sociedade pós-moderna. E, para melhor entendimento, transcrevemos parte dessa entrevista que está disponível no Youtube.

Ehrenberg afirmou que, em sua opinião a revolução pós-moderna começou numa quarta-feira à noite, num outono da década de 1980, quando uma certa Vivienn, uma mulher comum, na presença de 6 milhões de telespectadores, declarou nunca ter tido um orgasmo durante seu casamento, porque seu marido, Michel, sofre de ejaculação precoce. Começo da revolução, começo da revolução. Porque o começo da revolução? Porque, repentinamente, na Ágora, as pessoas começaram a confessar coisas que eram a personificação da privacidade, a personificação da intimidade, que você somente contaria, se você for católico, ao padre, no confessionário, ou aos seus amigos realmente muito chegados ou realmente muito íntimos. Mas você não iria à praça pública anunciar para todos. Então, a Ágora foi conquistada não pelos regimes totalitários, mas exatamente pela privacidade, por coisas que anteriormente eram privadas. No confessionário, que é a personificação, a encarnação da intimidade e da privacidade, você conversa diretamente com Deus. É um segredo absoluto. Ninguém pode saber o que você confessou no confessionário. Nós instalemos microfones nos confessionários.

5 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=aCdUuQycl6Q>

Bauman retrata a realidade dos dias atuais com o avanço de celulares com acesso à internet e com câmeras cada vez de mais alta resolução. A exposição já faz parte da sociedade atual e é cada vez mais forte o laço das redes sociais e a vida real, basta verificar quantas pessoas usam o Instagram para promoverem produtos, para se promoverem, para tentar alcançar o maior número de seguidores. É a geração dos *digitais influencers*.

Então, com todo esse arcabouço tecnológico acessível, por que não usá-lo a nosso favor e produzir o documentário todo com uso de *smartphones*?

Foi o que fizemos.

O uso de celulares em coberturas jornalísticas não é novidade. A grande janela de visibilidade dessa possibilidade se deu no Brasil em 2013 durante a cobertura das manifestações de julho, quando o coletivo Mídia Ninja fez inúmeras transmissões dentro das manifestações, quando quase toda a imprensa tradicional estava sendo hostilizada pelos grupos sociais presentes (ALMEIDA, 2015). Pensar o uso desse aparelho para uma produção documental não foi tão difícil.

Com isso nosso caminho já estava traçado, sabíamos o que queríamos fazer, sabíamos o que iríamos abordar, com que ferramenta iríamos fazer, agora restava saber como iríamos fazer.

PROCESSO DE ENXERTO

O precioso da história contemporânea é a documentação para o futuro e não o juízo decisivo e peremptório. Todos os contemporâneos, para o bem e para o mal, são testemunhas de vistas, indispensáveis e ricas de notícia. Testemunhas e não juízes ou advogados.
Câmara Cascudo

Produzir um documentário nunca passou pela nossa cabeça, durante toda nossa graduação a identificação com a parte de produção foi perceptível para nós. O planejar, o pensar, o escrever sempre seduziu nossos olhos e não se mostrou uma dificuldade durante os longos anos de formação acadêmica.

Pensar um documentário que daria voz a uma personagem, que traria para a luz histórias guardadas na memória, que ajudaria a construir um retrato de uma figura que tem feito a diferença no local onde mora. Mas para isso precisamos definir alguns conceitos básicos, como por exemplo: o que é documentário?

Em nosso primeiro contato com leituras teóricas sobre o tema encontramos uma definição que, para nós, serviu de norte em toda a pré-produção: “tratamento criativo da realidade”. Esse conceito é de Grierson (in LUCENA, 2012, p. 24) e trouxe para nós verdadeiro encantamento. Porém esse conceito não basta para compreendermos a proposta de nosso trabalho. Antes de partimos para as definições de documentário queremos chamar atenção de uma outra citação de Lucena, que segundo a qual o documentarista “narra a realidade que constrói, com suas inserções subjetivas” (p. 24).

Não podemos deixar de comparar essas assertivas relacionadas à construção do documentário audiovisual com a afirmação de Certeau que diz: “assim, fundada sobre o corte entre um passado, que é seu objeto, e um presente, que é o lugar de sua prática, a história não para de encontrar o presente no seu objeto, e o passado em suas práticas” (2008, p. 46).

No nosso caso, precisamos levar em consideração que, além da subjetividade da produção e edição, existe a subjetividade da nossa personagem. As suas falas, seus gestos, tudo partiu dela. Por mais que conduzimos através de perguntas e de

curtas intervenções, foi ela quem definiu o que era importante ser dito, foi ela que definiu o que deveria permanecer apenas na memória. Isso não quer dizer que tenha faltado veracidade nos seus depoimentos, pelo contrário. Acreditamos que, as seleções conscientes ou não fazem parte do processo de construção.

A seletividade da memória é uma das particularidades do trabalho com a oralidade, “o caráter singular de toda memória (mesmo coletiva) e a forma como esta sempre se reconstrói a partir do olhar do presente fazem cada entrevista ter um significado próprio” (Montenegro, 2003, p. 150).

Com isso concordamos que:

(...) no documentário predomina um efeito de subjetividade, evidenciado por uma maneira particular do autor/diretor contar a sua história. Este gênero é fortemente marcado pelo ‘olhar’ do diretor sobre o seu objeto. O documentarista não precisa camuflar sua subjetividade ao narrar um fato. (Melo, 2002, p. 07)

E essa é a particularidade encantadora nas possibilidades dos relatos orais, a subjetividade que de certa forma transforma aquela história em única, um mesmo acontecimento com olhares diferentes que construirão falas diferentes.

Os relatos orais sobre o passado englobam explicitamente a experiência subjetiva. Isso já foi considerado uma limitação, mas hoje é reconhecido como uma das principais virtudes da história oral: fatos pinçados aqui e ali nas histórias de vida dão ensejo a percepções de como um modo de entender o passado é construído, processado e integrado à vida de uma pessoa. (Ferreira e Amado, 2002, p. 154)

Acreditamos que com isso deixamos clara a nossa relação com a oralidade e afirmamos a importância desse trabalho da maneira que ele foi planejado, todo em primeira pessoa, com ênfase na personagem em primeiro plano.

O que faz um documentário ser um documentário?

Tínhamos a ideia de que todo filme que se baseasse em fatos reais e não fizesse uso de atores profissionais era um documentário. Que filmes que trouxessem uma investigação sobre algo importante que aconteceu, isso era um documentário. Aqueles filmes em que uma pessoa pega uma câmera e sai filmando e conversando com outras pessoas sobre determinado assunto, pensávamos que isso era documentário. Mas será que são essas as características de um documentário?

De acordo com o site topicosemcinema.blogspot.com.br, a palavra documentário tem origem no francês *documentaire*, que é um termo para filmes de viagens. O seu primeiro uso para muitos, foi em um artigo do *New York Sun*, escrito por Grierson e falava do filme *Moana* de Flaherty; para outros é mais antigo, data de 1913, quando o fotógrafo etnográfico Edward S Curtis utilizou o termo para definir uma produção narrativa não ficcional.

Assim a dificuldade de construir uma definição clara, única e definitiva sobre o que é documentário vem desde sua origem. Não será nossa preocupação definirmos qual teoria tem ou não razão, mas queremos aguçar a curiosidade para que possamos construir um panorama que nos ajude a responder a seguinte pergunta: o que faz um documentário ser um documentário?

O gênero documentário não pode ser definido a partir da presença de determinados enunciados estereotipados ou de tipos textuais fixos (narração, descrição, injunção, dissertação). No entanto, não temos dúvida que o documentário é um gênero com características particulares, e são essas características que nos fazem apreendê-lo como tal. (Melo, 2002, p. 01)

Conforme citado, nossa preocupação será em nos atermos nas particularidades do documentário, já que sua definição teórica é uma vasta seara para discussões. Vamos usar o primeiro dado levantado por Lucena (2012), “o filme documental é visto como ato cinematográfico que registra o que acontece no mundo real” (p. 10).

Ainda segundo Lucena (2012) “o documentário fala de forma direta, nos faz prestar atenção, trata quase sempre do mundo real, nos obriga a tomar posições. O ritmo é ditado pela fala, a câmera se localiza em um tempo/espaço específico” (p. 14).

A ideia de “mundo real” em um documentário deve ser entendida como uma construção do real. E com isso não estamos falando de trazer ficção para o documentário, mas reforçamos a ideia de “tratamento criativo da realidade”. É a possibilidade de trazer para o filme uma reconstrução, de refilmar uma fala ou de pedir para que seja repetida determinada expressão, sem com isso transformar o produto em um conteúdo de ficção.

A liberdade cênica, se assim podemos chamar, para construção de cenários ou de cenas não pode ser confundida com manipulação, mas deve ser pensado como um recurso necessário para construção da verdade que o produto deseje

passar. Essa ideia está muito próxima da ideia de subjetividade que discutimos anteriormente, pois no documentário a ênfase está no ponto de vista, seja do produtor ou do personagem.

Uma diferença marcante entre o documentário e o cinema de ficção é que aquele não pode ser escrito ou planejado de modo equivalente a este último, o percurso para a produção do documentário supõe uma liberdade que dificilmente se encontra em qualquer outro gênero. Um documentário é construído ao longo do processo de sua produção. Mesmo existindo roteiro, o formato final somente se define após as filmagens, e a conclusão dos processos de edição e montagem. (Melo, 2002, p. 04)

Como uma construção do real, não há como prever muita coisa na produção do documentário. Devemos pesquisar sobre o tema para estarmos preparados e conseguirmos identificar o que precisamos, quando isto estiver na nossa frente. O roteiro pode ser montado, perguntas devem ser escolhidas, mas as respostas não podem ser inteiramente previstas. Ao enquadrar o real a imprevisibilidade é a única certeza.

TORCENDO OS PONTOS

O Cinema impede que o presente se escape e evita que se transforme num passado opaco; compete-lhe encher o ecrã com o mundo que nos rodeia.
Manuela Penafria

Para a execução do projeto do documentário, criamos um cronograma de atividades que buscou otimizar o pouco tempo que tínhamos, pois precisamos primeiro entender o que seria feito e só depois disso que partimos para as atividades de gravação e pós-gravação.

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES					
	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO
ESCOLHA DO TEMA					
LEITURA E CONHECIMENTO TEÓRICO					
PESQUISA E PLANEJAMENTO					
ELABORAÇÃO DO ROTEIRO					
FILMAGENS					
EDIÇÃO					
ELABORAÇÃO DO RELATÓRIO					
FINALIZAÇÃO DO FILME					
DEFESA					

Tabela 1 – Cronograma de atividades

Conforme afirmamos anteriormente, nosso primeiro desafio para a execução do projeto era o conhecimento teórico necessário para a produção de um documentário. As pesquisas teóricas tiveram início com o livro *Como Fazer Documentários*, de Luiz Carlos Lucena (2012). Com a ajuda deste manual conseguimos dar os primeiros passos na elaboração técnica do produto midiático.

Pré-produção

Seguindo os passos sugeridos no livro de Lucena, a primeira coisa que pensamos sobre como seriam as filmagens foi: qual será a linguagem do documentário? Para nós, desde a invenção do cinema, com as primeiras projeções dos irmãos Lumière, a inclusão do som foi, sem dúvida, um divisor de águas na história cinematográfica. Pensamos que as imagens sem sons seriam como quadros em movimentos. Por isso precisaríamos definir muito bem o tipo de discurso utilizado.

Considerando o uso das falas dos personagens em documentários, Lucena (2012) apresenta duas categorias:

(...) *discurso direto*, em que uma voz fala com a câmera e, por extensão, conosco de forma direta; e o *discurso indireto*, que não é dirigido à câmera ou ao público – como na ficção, em que em geral ninguém fala diretamente conosco. (p. 19)

Acreditamos que para o tipo de produção que tínhamos em mente o discurso indireto não ficaria agradável, pensamos em algo como uma conversa, uma contação de história. A nossa personagem precisava olhar para o espectador, precisava falar direto com ele. Uma conversa daquelas que temos em um fim de tarde enquanto tomamos café. Queríamos reproduzir a mesma experiência que tínhamos sempre que sentávamos para conversar com nossa avó.

Com a escolha do discurso direto, Dona Antônia falaria diretamente para a câmera, como se conversasse com cada um que assistirá ao filme e com isso surgiu nosso primeiro problema: a captação de áudio deveria ter a melhor qualidade possível no momento da gravação, já que não haveria uso de *off* ou narração. Os aparelhos utilizados para a gravação foram dois *smartphones* da marca Asus, modelos Zenfone 5 e Zenfone 2, só descobrimos quando tentamos adquirir microfones externos que a marca Asus não suporta esse tipo de equipamento para gravações.

Procuramos em vários sites e fóruns, alguns recomendavam a instalação de um aplicativo específico: OpenCamera, que conseguiria fazer a captação dos sons através de microfones externos. Adquirimos três microfones diferentes e nenhum conseguiu servir, a única solução encontrada foi fazer as captações separadas, as imagens via *smartphones* e o áudio seria captado pelo notebook que reconheceu os

microfones externos. Fizemos alguns testes e a qualidade do áudio gravado no notebook se mostrou satisfatória, um problema vencido.

Por mais que a ideia desse filme fosse de uma construção oral da vida de Dona Antônia, ela não construiria a sua narrativa sozinha, foi preciso um mínimo de planejamento para direcionarmos algumas perguntas, aproveitarmos alguns *deixas* e extrairmos com isso informações que fugissem do trivial. A tarefa a priori pareceu fácil, mas bastaram algumas tentativas de escrever alguns tópicos e as limitações começaram a aparecer.

A primeira instrução que dou a eles é: observem seu entorno, o bairro em que moram, a região onde trabalham, as pessoas com quem convivem, os indivíduos que eventualmente encontram, as notícias dos jornais e da TV. Enfatizo que tudo pode motivar um documentário (...) (Lucena, 2012, p. 31)

Ao exercitarmos as ideias começamos pondo em prática alguns projetos paralelos, como por exemplo, no ambiente de trabalho passamos a produzir pequenos filmes com os familiares dos colaboradores sobre a importância da segurança no ambiente de trabalho. Começamos a incorporar no dia-a-dia a prática de olhar como se estivesse gravando tudo e com isso passamos a imaginar o que queríamos ver no nosso filme.

Nosso próximo exercício prático foi montar um esboço do roteiro, ou roteiro experimental. Pensamos algumas perguntas que ao respondê-las, tivéssemos a profundidade e a relevância do nosso projeto, de acordo com interesses cinematográficos que a produção de um documentário precisa ter.

O QUE EU QUERO MOSTRAR?

A vida de Dona Antônia, traçando a linha cronológica: sua infância, a vida no campo, a carreira no magistério e a descoberta do artesanato no labirinto.

COMO EU QUERO MOSTRAR ISSO?

Através dos depoimentos de Dona Antônia, ela mesmo narrará sua história. Valorizando a transmissão oral, reforçando a necessidade de humanizar os relatos, buscando a construção de um retrato e/ou imagem de uma época.

As palavras da narradora conduzirão o trabalho, assim como a agulha conduz o traçado no linho para dar espaço aos desenhos do labirinto, construindo assim uma reprodução do seu passado.

POR QUE EU QUERO MOSTRAR ISSO?

A importância da figura de Dona Antônia para o povoado Chã dos Pereiras, distrito da cidade de Ingá, remonta sua chegada, como a primeira professora. Sempre participou das atividades políticas e sociais da localidade, tendo recebido o apelido de “prefeita da Chã dos Pereiras” do então prefeito de Ingá, Antônio Burity.

Contar a sua história será remontar parte da história da localidade e do seu povo. Trará a luz fatos que a historiografia oficial deixa a margem, por ser mulher, pobre e sem sobrenome em uma terra no interior da Paraíba onde o coronelismo ainda é forte.

QUEM É MEU PERSONAGEM?

Dona Antônia é uma professora aposentada, residente no povoado de Chã dos Pereiras, distante aproximadamente 24 km de Campina Grande, ligado à cidade do Ingá. Hoje vive do artesanato, é uma rendeira e produz labirinto, uma técnica artesanal bastante refinada, originário da Espanha.

É a artesã mais antiga inscrita no Programa de Artesanato da Paraíba, lidera a Associação de Labirinteiros, onde 35 mulheres produzem peças que variam de lençol para cama, fronha de travesseiros, passadeiras de mesa, guardanapos, toalhas de rosto e de mãos. As peças são vendidas em feiras por todo Brasil, em quase todas é Dona Antônia que vai representar a Associação.

O QUE ELE VAI FAZER?

Ela vai contar sua história através de relatos pessoais, guiada por perguntas e conversa semi-dirigida, para valorizar pontos que achamos que merecem mais destaque em sua narrativa.

COMO ELE VAI AGIR?

De forma natural, ela estará boa parte do tempo sentada, de frente para a câmera. De início não pensamos em fazê-la contracenar com outras pessoas, mas de acordo com as filmagens essa ideia pode ser analisada.

Quadro 1 – Roteiro Experimental

Com essas perguntas respondidas já percebemos o formato que as filmagens iriam ter, qual a locação queríamos e partimos para o próximo passo: sinopse e argumento.

Quando partimos para a escrita do argumento percebemos que o exercício proposto pelo autor, da construção da lide adaptada, já dava subsídios suficientes para a construção dele e com ele pronto era hora de buscar uma síntese e criar a sinopse.

A nossa primeira tarefa foi expandir as ideias, escrever, pensar, imaginar, visualizar e encher a cabeça com cenas, perguntas, falas, histórias, expandir o máximo possível as possibilidades. Mas agora era o momento de focar, passar pelo funil, refinar as palavras, colocar de lado os enfeites literários e poéticos que vínhamos pensando e focarmos na essência.

“Uma boa sinopse fará que o leitor se interesse pelo projeto; caso isso ocorra será meio caminho andado” (LUCENA, 2012, p. 35), daí a importância dessas poucas linhas e por isso tivemos que reescrevê-la diversas vezes e acredito que reescreveríamos se tempo para isso fosse disponível.

A construção e reconstrução da sinopse serviu para que nós pudéssemos cristalizar aquilo que realmente importaria para o nosso projeto. A ideia da sinopse é em poucas palavras falar de um todo que foi construído em diversos passos. Com esse processo de escrita e reescrita podemos escolher algumas diretrizes para a produção, como por exemplo o enfoque principal é na personagem e não no que ela faz. Mas aí já partimos para um outro passo que é a elaboração do argumento.

“O argumento, portanto, deve fazer que a história seja visualizada por qualquer um que o leia” (LUCENA, 2012, P. 37), se a sinopse é a explanação da proposta em poucas palavras, o argumento deve expandir o poder de imaginação dos leitores para o que pretendemos fazer. Entendemos que os dois se complementam, enquanto um sintetiza o outro expande.

SINOPSE:

A história de vida de Dona Antônia, mulher forte, que aos 20 anos de idade saiu de casa e foi ser professora em um pequeno povoado que não conhecia. Lá além de aulas, começou um trabalho de líder comunitária, através do artesanato trouxe novas possibilidades para as mulheres do local. Hoje ela está aposentada como professora, mas vive para divulgar a sua arte e de seu povo: o labirinto.

ARGUMENTO:

O povoado de Chã dos Pereiras, distrito da cidade de Ingá, fica a 24 km de Campina Grande. O local é a principal referência quando o assunto é a renda labirinto, técnica de artesanato em tecidos originada na Espanha e transmitida às mulheres do local durante as Missões da Igreja Católica. Sendo transmitida de geração para geração.

Hoje um nome representa essa cultura, Dona Antônia. Primeira professora do povoado, líder comunitária e fundadora da Associação das Labirinterias de Chã dos Pereiras. De sorriso fácil e com as portas da casa sempre abertas para qualquer pessoa, seja governador, prefeito, vereador ou um vizinho.

Conversar com Dona Antônia é trazer um pouco da História desse povo que para crescer na vida tem que, quase sempre, sair e procurar a sorte na cidade grande. Mas ela fez o caminho inverso, saiu da cidade para construir seu lar e sua família no distrito de poucas centenas de pessoas.

Artesã, viajou para os quatro cantos do Brasil divulgando o trabalho do labirinto, já teve peças utilizadas na Semana de Moda de Paris, faz de tudo para participar de cada feira de onde traz histórias e amigos. Contar essa história será a oportunidade de registrar parte da cultura de um povo, é a chance de manter registrado o que só a oralidade tem se encarregado de preservar, a identidade da mulher, artesã e guerreira.

Quadro 2 – Sinopse e argumento

O próximo passo que o livro de Lucena sugere é a criação de um roteiro, mas aí temos o problema de adaptar um roteiro para um documentário que terá como base uma gravação de uma pessoa conversando sobre sua vida. Podemos prever perguntas, mas não temos ideia de como serão as respostas. Por mais que tenhamos pesquisado, tenhamos nos preparado e que possamos construir roteiros prévios, não há como garantir a execução de nenhum roteiro quando se pretende deixar o personagem ser ele mesmo.

Mas algumas coisas precisam ser ao mínimo planejadas, para isso vamos seguir o texto *Escrevendo um documentário* (Hampe,1997). O primeiro passo é estabelecer o ponto de partida, o que precisa ficar claro desde o início do nosso documentário? Precisamos mostrar quem é nossa personagem, por isso o ponto inicial é ela ser apresentada.

Se nossa ideia é mostrar uma pessoa, o ponto de partida deve ser a apresentação dessa pessoa, o passo seguinte é mostrar sua caminhada até chegar onde a pessoa é o que é. Então partiremos para o desenvolvimento da infância, juventude e fase atual da vida. Com isso construímos o tratamento do filme.

TRATAMENTO – Filme Antônia

Proposta do filme

- 1 – Focar na narrativa de vida de Antônia Ribeiro;
- 2 – Abordar sua infância: convivência, oportunidades de estudar, relação com irmãos e etc;
- 3 – Como chegou a sala da aula? O magistério foi vocação ou oportunidade?
- 4 – Como se deu sua chegada na Chã?
- 5 – Ficou só trabalhando na escola?
- 6 – Em que momento apareceu o labirinto?
- 7 – Quando foi a primeira feira de exposição de artesanato?
- 8 – Conversar um pouco sobre as experiências nas viagens e o que ficou de bagagem;
- 9 – Como é ter o trabalho reconhecido com homenagens do Poder Público?

A abordagem do filme

O filme será gravado em primeira pessoa, Dona Antônia narrará os fatos de acordo com sua memória. O plano inicial será gravação colorida, mas nada impede que as imagens recebam tratamento em outros filtros. Desejamos com esse filme registrar a história de vida da personagem. Nossa interferência será de apenas lançar o tema que queremos que seja abordado durante a narrativa, interferiremos pouco ou quase nada no desenrolar da fala.

Conteúdo do filme

As gravações acontecerão dentro da casa de Dona Antônia, na entrevista ela ficará sentada, num plano que suas mãos possam aparecer, para que fiquem registrados os movimentos.

As cenas externas serão: na Associação, na Escola e andando pela rua de Chã dos Pereiras.

As gravações serão em 3 dias:

Dia 01: imagens externas durante o dia do povoado, ruas, casas, fachadas e movimento das pessoas para servir de apoio.

Dia 02: gravação interna durante o dia da entrevista com Dona Antônia. Durante a noite gravação do movimento perto e/ou na Igreja central.

Dia 03: Gravação durante o dia de imagens da confecção do labirinto, peças de labirinto prontas e gravação da Associação.

Quadro 3 – Tratamento

A construção de um roteiro, nos modelos encontrados, pareceu para nós uma tarefa quase impossível, estaríamos transformando a espontaneidade em algo artificial e não era nossa ideia, nem achamos que isso fosse necessário. Acreditamos na potencialidade das histórias que seriam apresentadas sem a necessidade de construção de um roteiro prévio. Queríamos retratar as fases da vida de Dona Antônia, a duração dos relatos, a importância de cada fase será construída pelos relatos apurados.

Produção

Após toda a construção no papel, definimos as datas de filmagens. Como nosso tempo é limitado graças as atividades laborais que exercemos, escolhemos uma data de feriado, 30 e 31 de março e 01 de abril, o feriado da Semana Santa. Por ser um feriado contamos com o apoio de Eriplebson Cleyton para as gravações, no transporte do material e na captura de imagens.

Durante o dia 30/03 nossa entrevistada se recusou a falar, pois era “Sexta-feira santa e esse dia é para se guardar, em respeito a morte de Jesus”, foi assim que ela nos recebeu em sua casa, mesmo antes de conversarmos qualquer coisa. Sendo assim, recebemos o recado e não falamos nada sobre gravações. Como o dia estava chuvoso, procuramos gravar em locais fechados, nem as cenas externas que pensamos em fazer conseguimos, já que com a chuva não havia nenhum trabalho de labirinto sendo feito nas ruas.

ORÇAMENTO	
EQUIPAMENTO	VALOR
Tripé	R\$ 80,00

Notebook Lenovo ideapad	Já possuíamos
Microfone lapela	Empréstimo
Celular Asus Zenfone 2 Laser	Já possuíamos
Celular Asus Zenfone 5	Já possuíamos

Tabela 2 – Orçamento

No dia seguinte partimos para a gravação da entrevista com Dona Antônia. A gravação aconteceu no terraço de sua casa. Não utilizamos luz artificial, apenas um tripé para estabilizar o *smartphone*, a captação de áudio se deu através do microfone de lapela ligado no notebook.

As gravações tiveram início um pouco depois das 10 horas, ao começar a gravar percebemos um certo desconforto da nossa personagem, de imediato achávamos que era o assunto abordado, por isso deixamos ela falar um pouco, desligamos a câmera e partimos para um bate-papo. Com a câmera desligada, sem o microfone, Dona Antônia voltou ao normal e daí percebemos que o problema era a tensão do registro.

Essa situação já havíamos presenciado durante nossa formação acadêmica. Estávamos finalizando o primeiro semestre do curso e a disciplina era Linguagem Fotográfica 1 com a professora Agda Aquino. A proposta de atividade de conclusão da disciplina era uma exposição de fotografias e o tema era: pessoas invisíveis.

Toda a turma separou-se em grupos e fomos até o Centro de Campina Grande para fotografarmos pessoas que vivem em condições de vulnerabilidade. Próximo à Rodoviária Velha estavam duas senhoras pedindo esmolas, tiramos algumas fotos e ao perceberem que eram alvos de fotógrafos tiraram pentes da bolsa e se arrumaram. Tiramos mais algumas fotos, mas concordamos que aquilo não era mais a realidade, houve uma modificação por parte das modelos.

Mas por que contamos toda essa história? Simples, entendemos com as duas observações que a câmera tem um poder de constranger, de transformar e de influenciar as pessoas que se expõem ao seu raio de captura. E foi isso que aconteceu no dia da nossa gravação. Dona Antônia estava nervosa com a presença dos equipamentos, mesmo conversando com seu neto, os eletrônicos que estavam entre nós transformou a gente em dois desconhecidos.

Para vencer essa barreira criamos a estratégia de deixar ligada a câmera e o microfone, mas conversar livremente, sem informar que estávamos gravando.

Mesmo assim o começo foi bastante tenso, as falas eram curtas, as respostas muito objetivas.

As gravações aconteceram até pouco mais de 16 horas, conseguimos abordar os temas que queríamos. Respeitamos os limites da nossa personagem, mas no fim saímos satisfeitos com a história que estava gravada nos nossos equipamentos.

Durante a noite aconteceu uma procissão religiosa em comemoração ao sábado de Aleluia, acompanhamos a celebração com equipamento em mãos para registrar algo que fosse interessante, mas respeitamos o interior da Igreja e não invadimos esse espaço em respeito à fé das demais pessoas.

No dia seguinte, partimos para a gravação da sede da Associação, local que Dona Antônia tanto se orgulha de ter trabalhado lá enquanto professora e como artesã. Fomos sozinhos até o prédio, pois Dona Antônia não se sentia disposta a caminhar até lá e respeitamos isso. Lá filmamos todo o prédio, na parte externa e interna. Complementamos as filmagens com alguns trabalhos de labirinto de Dona Antônia, mas como não há previsão de feira próxima, havia poucas coisas feitas.

Com isso terminamos as filmagens principais, nosso processo agora é de edição e de construção da narrativa.

Pós-produção

De posse de todo o material, nosso primeiro trabalho foi de ouvir toda a gravação e construir a minutagem, separando os assuntos que se completavam e elaborando já a sequência de edição. Esse trabalho demorou dois dias, fizemos toda a minutagem das falas e o passo seguinte era fazer os recortes dessas falas.

O programa escolhido foi de nível intermediário, *Wondershare Video Editor*, com ele foi possível fazer a junção do áudio captado pelo notebook com o microfone de lapela e as imagens obtidas com os *smartphones*.

Ao todo separamos 8 partes, criamos um início com a apresentação literal da personagem: NOME, IDADE E NATURALIDADE; em sequência vem a parte da infância, onde já surge o primeiro contato com a produção do labirinto; abordamos também a parte da sua atuação como professora, nesse ponto já podemos traçar a ideia de liderança comunitária; a introdução do Labirinto como forma de sustento, viagens e prêmios.

Com essa divisão ficou mais claro que nossa construção seria diferente do que foi pensado. O foco do nosso documentário são memórias, são relatos de quem é Dona Antônia e não do que ela faz. Isso foi um grande problema para nosso processo de edição, mas entendemos que esse tipo de produção, tem dessas coisas. O nosso foco agora é montar da melhor maneira possível esses relatos.

Tentamos vários modelos de montagem, mas alguns fugiram completamente de nossa proposta e o resultado não estava nos deixando satisfeito.

O nosso maior medo era com a duração do produto final, não queríamos algo curto, nem algo muito longo. Entre cortes e recortes conseguimos deixar o resultado com um pouco mais de 38 minutos, o que foi recomendado por parte do orientador a possibilidade de uma nova edição com o encurtamento, sem prejuízo do conteúdo. Assim fizemos, e reeditamos, ficando com pouco mais de 22 minutos.. Ficamos satisfeitos com essa duração e acreditamos que contemplava todas as abordagens que desejávamos.

O desafio agora era como montar as falas. Para documentários sempre tivemos em mente aquelas produções de canais de TV como: History, Discovery e outros. Onde há um narrador, muitas imagens de campos abertos e cenas e mais cenas de paisagens. Até documentários históricos são carregados de efeitos, então o que fazer com o nosso trabalho?

Tínhamos poucas imagens externas boas, por conta da condição climática e por não ter nenhuma feira de artesanato em vista, com isso as peças não estavam sendo produzidas. Então o que fizemos foi apostar na história que nos foi contada e no carisma de nossa personagem. Pense conosco: são apenas imagens que prendem na frente da TV ou boas histórias têm um poder tão quanto encantador?

Como historiador não podemos deixar de acreditar no poder das narrativas, e foi essa nossa aposta, resumimos as falas ao essencial e deixamos que a imagem de Dona Antônia estivesse presente em todos os momentos em que ela estivesse falando. Intercalamos com imagens que achamos pertinentes para que as pessoas conheçam a localidade onde ela mora, as condições que se encontram hoje a sede da associação e as marcas históricas das lutas vencidas por Dona Antônia e pelas mulheres que a acompanharam.

Com a aposta na narrativa em primeira pessoa e com a imagem dela sempre na tela, achamos por bem colocar um fundo musical para que a voz dela não fique tão sozinha. Partimos para construir a trilha sonora do filme.

Pensamos em usar clássicos da cultura nordestina e a primeira música escolhida não precisou de pesquisa: Mulher Rendeira de Zé do Norte (1953), com interpretação de Elba Ramalho (2005). A letra da música faz referência direta ao trabalho de renda, por este motivo foi nossa primeira escolha, mas também pela brincadeira que a música traz: “tu me ensina a fazer renda, que eu te ensino a namorar”. O convite do compositor à rendeira, em nossa mente ao escolher essa música, estávamos convidando nossa rendeira, não a nos ensinar a renda, mas a nos encantar com sua história.

A segunda música é de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, Assum Preto com a interpretação da Banda de Pífanos de Caruaru e uma segunda versão de cantora Bárbara Alves⁶. A escolha dessa música se deu por conta da letra que fala de um pássaro cego, que não consegue ver os encantos do sertão. E é como nós, nordestinos, vivemos cegos para os encantos de nossa região. Que no caso de nosso filme é a produção do labirinto.

Com a descoberta da Banda de Pífanos de Caruaru escolhemos o áudio “Raízes do Pífano” (1982) para ilustrar o restante do filme e só no final que Mulher Rendeira volta como encerramento.

Todo o processo de pós-produção durou 40 dias, desde a captura das imagens, a decupagem, recortes e remontagens e a montagem final.

6 Encontrado no youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=wtcbKkD-im4>

VISLUMBRANDO O LABIRINTO

Com a conclusão de todo o processo de criação do filme, chegamos ao passo final, o nome e com ele contemplamos nosso labirinto, não o de renda, mas o nosso produto. O nome escolhido foi: “Antônia – memórias de uma professora e artesã”. E esse título não foi por acaso, mas uma forma de reafirmar alguns conceitos que já defendíamos desde o processo de pré-produção.

Temos como resultado a valorização da força da mulher, ao escolher afirmar que, em plena década de 1950 uma mulher solteira resolveu deixar a casa de seus pais, não para casar e sim para trabalhar com educação. Sem ao menos saber onde trabalharia, ela partiu e compartilhou com outras pessoas o sonho de uma vida melhor.

Não poderíamos ter concluído esse trabalho e não ter se encantado com o poder da narrativa, tanto como fonte para o jornalismo, mas como também instrumento de construção histórica. É a narrativa, muitas vezes silenciada, esquecida e por muito tempo negligenciada que encontramos o pulsar da história, que sentimos o calor humano que constrói a verdadeira história de um povo.

É inegável também a importância da narrativa para a construção e manutenção da identidade cultural do povo, observamos que é a manutenção dessas histórias vivas e difundidas entre os pares que fortalece os laços e mantém vivo o patrimônio imaterial de uma localidade.

Quando deixamos de lado a contextualização histórica e cultural e partimos para conferir o resultado que obtivemos a partir dos equipamentos que nos propomos a utilizar, nós podemos reafirmar que as novas ferramentas tecnológicas estão revolucionando, não apenas a produção audiovisual e jornalística. Mas tem sido uma influência forte no estilo de vida dos dias atuais.

As produções possíveis com *smartphones* e câmeras portáteis, aliado ao acesso à internet de banda larga não só via cabo, mas através de dados móveis tem transformado cada pessoa em um produtor de conteúdo audiovisual em potencial e as redes sociais convidam cada vez mais seus usuários a produzirem esse tipo de conteúdo. Mesmo que seja para ser consumido em no máximo 24 horas.

Com “Antônia”, não queremos reinventar a roda, mas nos dispusemos a experimentar algo novo para nós. Nos desafiamos a fazer todo o processo, desde a concepção do projeto até a sua conclusão, de forma individual, contando com ajudas

e orientações pontuais. Ao vermos o produto pronto, conforme pensamos e, o mais importante, deixando uma mensagem para que as gerações futuras possam conhecer um pouco a história de uma pessoa que não teria espaço nos livros de história, acreditamos que fizemos nossa parte, tanto como historiador, como também jornalista.

O trabalho chegou ao fim, mas é apenas um começo no desejo de contar mais histórias, de dar luz a mais memórias que talvez ficassem escondidas para sempre. Quem sabe não surgirá uma série? Quem sabe não haverá novas Dona Antônia?

Então não vamos colocar um “stop” e sim apenas uma “pausa”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Thiago D'Angelo Ribeiro. **Midiativismo e cobertura jornalísticas**: mídia Livre, movimentos em rede e estratégias de contrapoder. 2015. 165 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Jornalismo) – Centro de Comunicação Turismo e Artes (CCTA) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/7985?locale=pt_BR>. Acesso em: 16/05/2018

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

_____. **O que é pós-modernidade?**. 2015 (2m12s). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=aCdUuQycl6Q>> . Último acesso em 16/05/2018.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Trad: Maria de Lourdes Menezes – 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008

FERREIRA, Marieta de Moraes, & AMADO, Janaína (coordenadoras). **Uso e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 5ª Ed., 2002.

HAMPE, Barry. **Escrevendo um documentário**. In: NUPPAG – Núcleo de pesquisa e produção audiovisual em geografia – IGCE – UNESP/ Rio Claro. Trad: Roberto Braga. 1997.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer um documentário**: conceito, linguagem e prática de produção – 2ª Ed. – São Paulo: Summus, 2012

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. **O documentário como gênero audiovisual**. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador, Intercom, 2012

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e memória**: a cultura popular revisitada – 5ª Ed – São Paulo: Contexto, 2003

PENAFRIA, Manuela. **O paradigma do documentário**: Antonio Campos, cineasta. Covilhã: Livros LabCom, 2009

_____. **Tradições e Reflexões**: contributos para a teoria e estética do documentário. Covilhã: Livros LabCom, 2011

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal - o que é mesmo documentário?** São Paulo: Editora SENAC, 2008

Tópicos em cinema (DOC) – **Marcos da história do documentário**: origens e desenvolvimento do gênero. Disponível em: <<http://topicosemcinema.blogspot.com.br/p/marcos-da-historia-do-documentario.html>> Último acesso em 16/05/2018